



HEMEROTECA
MUNICIPAL
DE LISBOA

Archivos Medico-Coloniaes¹ surgiram com o objetivo de reunir numa única publicação todos os estudos, procedimentos e progressos médicos aplicados na medicina colonial. A criação de uma publicação que reunisse a experiência médica e humana acumulada nas viagens marítimas era reclamada desde 1881:

“Entre as publicações, que se têm feito a respeito das questões coloniaes, fazia-se sentir a falta de *uma revista medico-colonial*, destinada não só a dar harmonia e homogeneidade a todos os trabalhos que mais possam interessar à pathologia, therapeutica, policia sanitaria e hygiene colonial, mas tambem prestar homenagem aos funcionarios do serviço de saude que mais se distinguirem n'estas luctas da sciencia e do progresso.”²

O acordo para a sua criação não terá sido consensual, e os defensores e futuros responsáveis pelo projecto acharam por bem pedir a colaboração do médico francês, o dr. G. Treille, médico principal da marinha francesa e também diretor da redação dos *Archives de médecine navale Française*. Este deu o seu contributo sob a forma de carta dirigida à marinha portuguesa, onde elogiava a importância das descobertas desta, tanto a nível geográfico como na ciência médica, fazendo uma analogia com a marinha francesa que tinha todos esses conhecimentos devidamente registados nos já referidos *Archives de médecine navale Française*, destacando assim a importância de preservar toda a experiência médica acumulada na área da medicina colonial numa única publicação, o que constituía um importante contributo para o progresso da medicina e da higiene intertropicais. Este testemunho terá sido determinante para a criação dos **Archivos Medico-Coloniaes**, sendo agraciada com a gratidão dos responsáveis:

“Invocámos a sua auctoridade e tivemos a ventura de a ver attendida, fundando-se em Portugal uma revista mensal, que denominamos – Archivos medico-coloniaes [...]. Era preciso começar e começar sem perda de tempo, porque já são passados oito annos de aspirações e de esperas e é urgentíssimo não perder mais tempo.”³

E assim nasceram os **Archivos Medico-Coloniaes**, publicados através da 2ª secção, 1ª Repartição da Direção Geral do Ultramar, num total de 8 números, incluindo o *Numero-Programma*, este editado em março de 1889, quase um ano antes do n.º 1 (de fevereiro

1 Disponível na Hemeroteca Digital, em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ArchivosMedicoColonias/ArchivosMedicoColonias.htm>

2 Ribeiro, Manuel Ferreira (relator). *Archivos medico-coloniaes*. Numero-programma. Lisboa: Typ. da Companhia Nacional, 1889, p. 3

3 *Ibidem*: Numero-programma, p. 4

de 1890). Com periodicidade mensal, a publicação foi suspensa no n.º 7, de julho de 1890.

Foi o primeiro estudo integrado sobre as condições de saúde da população nas colónias portuguesas, tendo em consideração o maior número de fatores possível como: a zona climática, condições de vida (higiene, nutrição, habitação, modo de vida, vestuário, crenças, tradições), idade, raça, origem e também a capacidade de adaptação humana aos diferentes climas intertropicais, em especial dos recém-chegados.

O fundador dos *Archivos Medico-Coloniaes* foi “Sua Ex.^a O Ministro da Marinha e Ultramar, o Sr. Conselheiro Henrique de Barros Gomes”⁴. Manuel Ferreira Ribeiro⁵ é-nos apresentado como o redator principal no *Numero-Programma*, a somar às funções que já exercia, também como responsável, na secção de “aclimação no ministério da marinha e ultramar” oficialmente designada como 2^a secção, a mesma responsável pela publicação do periódico, passando nos seguintes números a ser mencionado como diretor dos *Archivos Medico-Coloniaes*.

Todos os números, do 1 ao 7, repetem a mesma introdução, no título e no conteúdo. São três páginas que focam repetidamente a intenção de cruzar conhecimentos e a realização de uma velha ambição:

“Publica-se, pela 2.^a secção da 1.^a repartição da direcção geral do Ultramar, [...] *Archivos medico-coloniaes*, destinados a animarem e a enlaçarem os trabalhos dos facultativos dos quadros do serviço de saúde das provincias ultramarinas, tornando-os conhecidos uns dos outros, nas diferentes localidades [...].

4 **Henrique de Barros Gomes (1843-1898)**. Nasceu em Lisboa a 14 de setembro e faleceu a 15 de novembro em Alcanhões. Foi político, deputado pelo Partido Progressista, diretor do Banco de Portugal, ministro dos Negócios da Fazenda, dos Negócios Estrangeiros e da Marinha e Ultramar. Reformou o regime de contabilidade pública sendo o impulsionador de um novo modelo. Foi sócio-fundador da Sociedade de Geografia de Lisboa, vice-presidente da Associação Comercial de Lisboa e da Cruz Vermelha Portuguesa. Foi agraciado com diversas condecorações nacionais e estrangeiras. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Henrique_de_Barros_Gomes

5 **Manuel Ferreira Ribeiro (1839-1917)**. Nasceu a 25 de janeiro em Rebordãos, Águas Santas e faleceu em Lisboa a 16 de novembro. Era formado em Teologia Dogmática e Medicina, esta última tirada na Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Foi professor de Higiene Colonial em duas escolas e instalou e dirigiu o gabinete de antropometria no Ateneu Comercial de Lisboa. Lançou as bases da higiene colonial, da medicina preventiva e da profilaxia tropical. A Câmara Municipal da Maia no seu sítio dedicado aos Ilustres Maiatos refere-se a Manuel Ferreira Ribeiro como tendo vivido quatro vidas: médico, investigador, jornalista e escritor: <https://www.cm-maia.pt/pages/1179>.

Ao ler a sua biografia completa é clara a motivação da sua insistência para a criação de arquivos médicos coloniais.

Realisa assim o chefe da 2.^a secção as suas mais veementes aspirações, apresentadas pela primeira vez, em 1881 [...].”⁶

O Número-Programa e o nº 1 são impressos na Typographia da Companhia Nacional Editora situada na Rua da Rosa, 309 em Lisboa. O número 2 é impresso na Typographia d'as Colónias Portuguesas, Rua do Diário de Notícias, 93 e os seguintes na mesma rua e tipografia mas no número de polícia 92-94, também em Lisboa. É perceptível algum atraso na edição das publicações a partir do nº 6, dado que a capa indica o ano de 1891 como data de saída do prelo. Os números, com uma dimensão física de 22 cm, têm uma média de 76 páginas no seu conjunto, variando entre as 56 e as 97. À exceção do nº 7, todos têm um sumário no final.

Não é explícita a forma como era feita a sua distribuição, nem existe indicação de qualquer preço por número. Não existe publicidade.

NÚMERO-PROGRAMA

O Número-Programa faz a apresentação do que pretende que venham a ser os **Archivos Medico-Coloniaes** e é um convite a todos os que queiram participar nessa publicação aberta a todas as colaborações que contribuam para a sua causa, fazendo uma proposta de intercâmbio de conhecimentos não só com os médicos da armada mas também com os residentes nas colónias e outros como: facultativos do ultramar, farmacêuticos, diretores dos postos meteorológicos, agrónomos, botânicos e zoologistas. Estes são os óbvios destinatários a quem os mentores da revista mais pretendiam chegar, objetivo que é lembrado na introdução de cada número:

“Foi dirigido a todos os facultativos do ultramar o *numero programma*, e de muitos d’elles recebemos as mais vivas provas de adesão ao desenvolvimento da nossa idéa, e esperamos que os *Archivos Medico-Coloniaes* se tornem dignos das suas nobres ambições, divulgando os serviços por elles prestados à sciencia, às colonias e ao paiz.”⁷

Prevendo que novas temáticas poderiam surgir em resultado desta troca de conhecimentos, fica desde logo em aberto a possibilidade de virem a existir mais secções além das dezanove previstas inicialmente: “Devem abrir-se tantas secções quantas fôrem necessarias para se aproveitar o *material scientifico* que se fôr organisando, e que se

6 Ribeiro, *Archivos Medico-Coloniaes*, fascículos 1 a 7, p. 5-7

7 *Ibidem*: fascículos 1 a 7, p. 5

distribuirá – em cada número – da seguinte maneira: [...]”⁸: Antropométrica; Antropológica; Etnográfica; Demográfica; Estatística médico-colonial; Mesológica, química médica e análise em geral; Aclimação; Meteorológica e climatológica ou climalógica; Higiene e patologias exóticas; Medicina preventiva e de saneamentos; Terapêutica, farmácia e ciências auxiliares; Biográfica e bibliográfica; Polícia sanitária; Fisiografia e geografia médica; Sociologia trópico-equatorial; Propaganda e vulgarização; Didática e pedagógica; Medicina legal; Secção oficial.

O Número-Programa termina com a atribuição de duas “Merecidas distincções”: Cavaleiro da Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Cristo e Cavaleiro da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa a, respetivamente, dr. Treille, diretor da redação dos *Archives de médecine navale Française* e vogal no Conselho Superior de Saúde de Paris, e dr. Jacques Bertillon, chefe dos trabalhos estatísticos da cidade de Paris e vogal do Conselho Superior de Estatística.

SOBRE AS SECÇÕES OU ÁREAS DE ESTUDO: PROPÓSITO E OBJETIVO

Estas dezanove secções prevêm não apenas uma compilação das experiências e estudos médicos como também de dados estatísticos, biográficos e bibliográficos, expressando a intenção de canalizar para si os estudos publicados sobre estes temas no contexto das colónias e também de dar a conhecer os nomes dos seus autores. A secção de sociologia trópico-equatorial tem a finalidade de esclarecer todos os que pretendem emigrar para as colónias e também os que já lá vivem, “para que os emigrantes e os colonos não se deixem illudir”; na secção de propaganda e notícias, é destacada a presença de Portugal no VI Congresso Internacional de Higiene e Demografia em Viena de Austria⁹; uma secção didática e pedagógica, esta última dirigida apenas aos profissionais de saúde “[...] para que possam servir de ensinamento ou de conselho[...]”; uma secção oficial, onde são publicitadas rotinas administrativas e correspondência oficial. Nem sempre estas secções estão assinaladas de forma explícita, sendo perceptíveis apenas pelo seu conteúdo.

8 *Ibidem*: Numero-programma p. 5

9 *Ibidem*: nº 1, pp. 31-35

A publicação pretende também chamar a si as “*memorias, notas estatísticas e contas clinicas*” dispersas pelos boletins officiaes de cada provincia e ainda por diferentes jornaes”, ambicionando tornar-se uma verdadeira coletânea de medicina colonial.

A organização dos trabalhos médico-coloniais em França são objeto de uma leitura atenta¹⁰, centrando-se na organização dos seus serviços farmacêuticos, tendo para isso contado com a colaboração do dr. N. Doué, farmacêutico e membro do Conselho Superior de Saúde de Paris.

Os *Archivos Medico-Coloniaes* pretendem demarcar-se por apresentar um estudo muito mais abrangente do que apenas relatórios com números e descrições. Assim, as condições envolventes a esses números são objeto de atenção, pois:

[...] torna-se necessario conhecer as condições de serviço medico-local pois que são diferentes os recursos, segundo as provincias [...]. Torna-se, pois, necessario que se deem as informações mais seguras e mais completas sobre as circunstancias em que se realiza o serviço de cada estação medica, tendo em vista a clinica, a policia sanitaria e as obrigações que por lei é obrigado.¹¹

Também é aberto espaço para a divulgação de estudos antropométricos e etnográficos e feito um apelo a todos os diretores de imprensa colonial para que remetam para os responsáveis dos *Archivos Medico-Coloniaes* quaisquer publicações científicas que produzam.

SECÇÃO BIOGRÁFICA E BIBLIOGRÁFICA

É uma das secções previstas no Número-Programa e que se propõe destacar trabalhos e autores relevantes na área da medicina colonial. No entanto, aparece uma única vez no nº 1, não se voltando a repetir. Informa sobre o estado de publicações ainda no prelo de interesse para os *Archivos Medico-Coloniaes*. O exemplo francês continua a servir de referência, sendo também mencionado o *Annuaire, statistique de la ville de Paris – VIII Année – 1887 – Service de la statistique municipale* por Jacques Bertillon, chefe dos trabalhos de estatística da população de Paris.

10 *Ibidem*: Numero-programma, pp. 31-35

11 *Ibidem*: Numero-programma: p. 76

COLABORADORES

A. Layet, (vacinações e revacinações nas colónias francesas), Albino da Conceição Ribeiro (delegado de saúde de Bissau), Alexandre José da Silva Campos (Diretor do Instituto Vacinogénico), António Manuel da Costa Lerenó (delegado de saúde da Ilha do Fogo), António Maria Duarte Ferreira (relatório do serviço de saúde de Lourenço Marques de 1886), Aristides de Sousa (chefe do serviço de saúde da província da Guiné), Carlos Moniz Tavares (Diretor do Parque Vacinogénico), Diniz Gomes Barbosa (chefe do serviço de saúde de Cabo Verde), Francisco Joaquim da Costa e Silva (Diretor Geral do Ultramar), Henrique Carlos de Lima, Manuel Augusto Lacerda (relatório do serviço de saúde em Quelimane relativo ao ano de 1887), José António Ramalho Pinto do Rosário (delegado de saúde de Buba), Lúcio Augusto da Silva (chefe do serviço de saúde de Macau e Timor), Manuel Ferreira Ribeiro (diretor da revista e chefe da 2ª secção, responsável pelos estudos da aclimação), Manoel Fialho Recto (delegado de saúde de Inhambane), Manuel Rodrigues Pereira de Carvalho (chefe do serviço de saúde de Moçambique), Pedro Paulo Fermiano de Sousa (delegado de saúde do distrito de Tete), Porfírio Teixeira Rebelo (diretor do hospital militar e civil de Benguela), Roque Francisco Gonçalves (Serviço de Saúde do Distrito de Cabo Delgado).

Lisboa, 14 de março de 2019

Alda Anastácio

BIBLIOGRAFIA

Câmara Municipal da Maia. Cultura. Estórias e Memórias. Ilustres Maiatos: “Manuel Ferreira Ribeiro” [em linha]. Maia: s.d. [cons. em 13 março 2019]. Disponível em: <URL: <https://www.cm-maia.pt/pages/1179>>

Wikipedia. “Henrique de Barros Gomes” [em linha] S. l.: atual. 15 fev. 2019 [Cons. 13 mar. 2019]. Disponível em: <URL: https://pt.wikipedia.org/wiki/Henrique_de_Barros_Gomes>

Ribeiro, Manuel Ferreira (relator). *Archivos medico-coloniaes*. Lisboa: Typ. da Companhia Nacional, 1889,